

Parte 1 – Sade e os regimes sociais da linguagem

Em 1791, a *Feuille de correspondance du Librairie* alertava os leitores para a possibilidade de que os jovens fossem induzidos ao erro pela leitura de *Justine, ou les Malheurs de la vertu*. “Se para amar a virtude tem-se que conhecer o horror de todo o vício e as atrocidades que ele pode trazer àqueles que não sabem por um freio aos seus desejos, este livro pode ser lido com fruto”. Entretanto, “está demonstrado que de todas as corrupções, a do coração é a mais incurável” e, nesse sentido, os “jovens sem experiência” podem acabar tomando apenas o “veneno” presente nesse livro.¹

Entre 1953 e 1956, um pouco mais de um século e meio após *Justine* ter sido publicada pela primeira vez, novas polêmicas passaram a envolvê-la.² Se a França não vivia mais o clima auspicioso de 1791, com a completa liberdade de

¹ “Si pour faire aimer la vertu on a besoin de connaître l’horreur du vice toute entière, et les atrocités qu’il peut faire commettre à ceux qui ne savent pas mettre un frein à leurs desires, ce livre peut être lu avec fruit (...). Mais comment se flatter d’un semblable succès, quand il est démontré que de toutes les corruptions, c’est celle du cœur qui est la plus incurable. Ce livre est donc au moins très dangereux, et si nous faisons connaître ici l’existence, c’est que comme le titre pourrait induire en erreur des jeunes gens sans expérience, qui s’abreuveraient alors du poison qu’il contient”. *Feuilles de correspondance du Libraire*, 1791, n° XV. In SADE. *Œuvres*, II, p.1208

² Originalmente a história das irmãs Justine e Juliete foi escrita em forma de conto com o título *Les infortunes de la vertu*, entre 1787 e 1788, quando Sade esteve preso na Bastilha. Esse texto acabou não sendo publicado durante a vida de Sade, provavelmente porque ele aproveitou a ideia, transformando a narrativa em romance, publicado em 1791, com título *Justine ou les malheurs de la vertu*. Entre 1799 e 1801, o editor de Sade organizou uma edição em dez volumes intitulada *La nouvelle Justine, ou les malheurs de la vertu suivie de l’histoire de Juliette, sa sœur*. Os quatro primeiros tomos correspondiam ao romance de *Justine* e os seis seguintes, ao de *Juliette*. Nesse caso, há uma divergência entre a data constante na capa dos livros, que afirma uma edição de 1797, e a data em que efetivamente o livro foi publicado, parte no verão de 1799, outra em agosto de 1800, e os últimos quatro tomos entre fevereiro e março de 1801. Cf. DELON, M. *La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu*. Notice. In Idem. *Ibidem.*, p.1261-1262.

imprensa, também não experimentava uma sociedade autoritária, o que levou Jean-Jacques Pauvert, numa defesa do caráter liberal francês, a publicar entre 1953 e 1954, em edições de maior tiragem e circulação não-restrita, três livros de Sade: *La philosophie dans le boudoir*; *Les 120 journées de Sodome* e *La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu*. Posteriormente, dando prosseguimento ao empreendimento de publicar as obras completas do autor, sua editora distribuiu e vendeu *L'Histoire de Juliette ou les prospérité du vice*, o que resultou em duas acusações judiciais contra o editor, sob a alegação de disponibilizar ao leitor francês livros “contrários aos bons costumes”.³

A França do fim do século XVIII poderia, a princípio, parecer mais liberal ou mais avançada no respeito às liberdades individuais. Contudo, concluir isso pela percepção desses dois episódios como parte de um mesmo e simples processo de repressão empobrece a interpretação das formas pelas quais a sociedade francesa constituiu o corpo em suas relações com valores filosóficos, científicos, morais, dentre outros.⁴ As práticas sociais não se dão em apenas um sentido, sendo necessário entendê-las em seus conflitos, tanto sincrônica quanto diacronicamente.

Em 1791, apesar da liberdade de imprensa, a leitura de Sade também era vista com restrições. Para Restif de la Bretonne, o autor de *Justine* devia ser repudiado pelos excessos e crueldades de sua heroína.⁵ Já Sade, em resposta ao

³ Cf. GARÇON, M. *L'affaire Sade*, p.12-13.

⁴ Fazemos referência à hipótese repressiva. Cf. FOUCAULT, M. *História da sexualidade, vol. 01: a vontade de saber*, p.19-49. Segundo Alain Courbin, embora a análise de Foucault seja muito importante para os estudos sobre corpo e sexualidade, o entendimento universalista do fenômeno vitoriano desenvolvido por ele incorre em grandes equívocos por desconsiderar as especificidades da dinâmica social dos dois lados da Mancha e suas respectivas relações com as culturas protestantes e católicas, conforme teremos oportunidade de discutir posteriormente. Cf. CORBIN, A. *L'harmonie des plaisirs*, p.10-11.

⁵ RESTIF DE LA BRETONNE. *L'anti-Justine ou Les délices de l'amour*, 1798. In *Œuvres érotique de Restif de la Bretonne*, p.287.

dito intelectual, dizia ser aquele um autor de “terríveis produções”, cujo mérito não é outro que o da prolixidade.⁶

Segundo Souiller, Restif tem semelhança escriturária a Balzac e aos escritores do século XIX, para os quais o espírito de investigação e de documentação ganha primazia, marcando a novela pela noção de conjunto. Impondo-se o realismo em detrimento do sentido de exemplaridade, característica dominante ao gênero no início da Idade Moderna, a novela tende à crescente subjetivação e ao esvaziamento do maravilhoso.⁷ Desse modo, embora Restif apresente uma escrita ficcional, o corpo aparece em seus textos em performances e possibilidades reais. Melhor dizendo, seu erotismo é regrado pelas práticas do cotidiano, o que explicaria um dos pontos de sua discordância com Sade, que concebia performances impossíveis a seus personagens, a julgar pelo padrão cotidiano ou realista.⁸

Já a postura do Ministério Público ao se pronunciar contra a edição de Sade feita por Pauvert nos anos 1950 participa diferentemente das práticas de oposição aos textos de Sade. Neste caso, o controle editorial apareceria apenas como um dos fatores divergentes entre os dois eventos, sendo os demais motivos relacionados a ofensa aos bons costumes pela publicação das obras completas de Sade, a ideia de pornografia associada ao autor e, por fim, a associação da escritura de Sade com o aparecimento do verbete e os usos clínicos de sadismo desde o século XIX.⁹

Não apenas são mobilizados conceitos diferentes para a defesa e o ataque aos escritos de Sade. Parece-nos que está em jogo a vigência de matrizes

⁶ “R... inonde le public (...) [avec] ses *terribles productions*; (...) nul autre mérite enfin, que celui d’une prolixité...”. SADE. *Les crimes de l’amour*, 1801, p.41-42.

⁷ Cf. SOUILLER, D. *La nouvelle en Europe de Boccace a Sade*, p.64-82.

⁸ Cf. BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*, p.38-40.

⁹ Cf. GARÇON, M. *L’affaire Sade*, p.09, 56,78 et seq.

discursivas diversas, tendo em vista a disparidade social com as quais nos deparamos ao pensar esses dois casos, as formas como se fez referência ao corpo e às práticas sociais a ele relacionadas. O resultado é a necessidade de uma investigação que se atente para a dinâmica do discurso obsceno, caso se queira compreender historicamente os dilemas e sentidos sociais implicados nos textos de Sade no momento de sua emergência, bem como em releituras posteriores.

Abramovici aponta que o discurso sobre a obscenidade constituiu-se, na França, entre os séculos XVI ao XVIII, pelo uso de um vocabulário plástico, metafórico e suscetível às variações das expectativas sociais e ao processo de inclusão ou exclusão de grupos de falantes ao padrão lingüístico dominante. A constituição da Corte em uma nova dimensão social, com seus salões e sua tendência urbana e refinada, em oposição à “rusticidade guerreira”, tornou-se progressivamente um dos elementos importantes para a defesa moralizante de uma linguagem mais civilizada. No século XVII, houve uma mudança na linguagem obscena com uma tendência à política de refinamento dos costumes e das artes. A inclusão das mulheres nos salões, a constituição das academias e a redistribuição dos saberes atrelaram-se a um mesmo processo que conduziu ao banimento das formas rudes e à constituição de uma nova retórica. A sociedade francesa de corte avançou na dramatização de regras de etiqueta e na linguagem desembaraçada de palavras impróprias, vulgares e desonestas, por se referirem ao corpo, sua sexualidade e excrescências. O obsceno ganhou, então, outros contornos que obrigaram a novas formas de se referir ao corpo sexualizado, por vezes mais imprecisa e metaforicamente, dando a ideia de que a língua francesa tornava-se progressivamente mais casta. A essa dramatização, no século XVIII, somaram-se os textos filosóficos e o debate sobre uma nova forma de entender o

homem e a humanidade, o que implicou, novamente, em outras transformações linguísticas.¹⁰ Temos, portanto, não uma continuidade indefinida das formas de se referir ao corpo e as práticas sexuais, mas uma dinâmica social fragmentada na qual a linguagem constituiu-se como prática complexa e polissêmica.

Assim, parece-nos que a circunscrição histórica de Sade deve ser procurada, primeiro, a partir de uma apresentação dos regimes de discursividade. Para Calvet, os trabalhos de Antoine Meillet, contemporâneo a Saussure e um de seus críticos, são fundamentais para o entendimento da linguagem em sua relação intrínseca com o fato social. Meillet, ao extrapolar o axioma de Saussure que entende a comunidade como elaboração da linguagem, desfaz a distinção entre a estrutura e a história para afirmar a impossibilidade de compreender a linguagem desvinculada de sua prática social e da dinâmica que lhe ancora. Não se trata, então, de uma compreensão do sistema de signos, mas das relações sociais que ancoram a língua e a linguagem.¹¹ Os textos de Sade tendem, caso sejam assim percebidos, a ser vistos a partir de regimes discursivos engendrados sócio-historicamente. A diferença e o conflito são realçados, fazendo com que a escritura do pensador ganhe sentido por meio das relações que a perpassam, numa valorização de cada circunscrição específica. Isso, certamente, não esgota a análise nem garante uma completa delimitação de sentido aos textos de Sade, já que a compreensão dos regimes discursivos apenas baliza mecanismos de usos recorrentes da linguagem e a compreensão de sentidos, não restringindo as possibilidades de subversão e produção inesperada de enunciações divergentes.¹²

¹⁰ Cf. ABRAMOVICI, Jean-Christophe. *Obscenité et classicisme*, pp.13-98.

¹¹ Cf. CALVET, Louis-Jean. *La sociolinguistique*, p.08. A revista *Littérature* dedicou em 2005 um dossier sobre as pesquisas atuais em sociocrítica. Cf. *LITTÉRATURE, Dossier Analyse du discours et sociocritique*, déc.2005.

¹² Cf. FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*, p.35 et. seq.

O resultado, entretanto, é uma análise que se desvia dos traços homogeneizantes e que visa à exposição da dinâmica social em suas brechas.

Atentos a isso e em oposição às perspectivas de análise que se aproximam de textos aplicando-lhes esquemas conceituais externos às dinâmicas sociais que lhes circunscrevem, buscaremos, primeiramente, apresentar os regimes discursivos próprios ao universo obsceno francês moderno.

Nossa hipótese de trabalho pauta-se pela compreensão de que as alterações ocorridas na sociedade francesa¹³ no fim do século XVIII e, principalmente, no início do século XIX possibilitaram a emergência de um novo regime discursivo sobre o corpo, não mais feito a partir da libertinagem.¹⁴ Assistiu-se a um duplo movimento: a *libertinagem* tendeu a esvaziar-se em sua forma filosófica e numa prática vinculada a um *savoir-vivre*, para assumir um sentido vinculado praticamente ao excesso das práticas sexuais; a *pornografia*, por sua vez, tanto se constituiu em uma determinada especificidade social a partir da nomeação de uma nova preocupação, quanto se modificou gradual e rapidamente sob o impacto das novas dinâmicas vivenciadas pelo aprofundamento da lógica capitalista a partir do século XIX. Não nos parece casual que, na segunda metade do século XVIII, a palavra pornografia tenha aparecido e estivesse relacionada a propostas reformistas de práticas sociais relacionadas à vida sexual e à prostituição. Já no

¹³ O processo que buscamos apresentar serve em vários aspectos para explicar um movimento histórico geral do Ocidente. Mesmo assim, optamos por circunscrevê-lo a França, já que nossa análise detém-se na leitura de documentos escritos prioritariamente em francês.

¹⁴ Michel Foucault identifica uma transformação do regime discursivo no limiar do século XVIII. Para ele, entre Cervantes e Sade haveria um regime discursivo ainda pautado na noção de representação. Dentre as variações possíveis, destacados a seguinte: “*Justine e Juliette*, no nascimento da cultura moderna, estão talvez na mesma posição que *Dom Quixote* entre o Renascimento e o classicismo. O herói de Cervantes, lendo as relações entre o mundo e a linguagem como se fazia no século XVI, decifrando, unicamente pelo jogo da semelhança (...) aprisionava-se, sem o saber, no mundo da pura representação... (...) As personagens de Sade lhe respondem [a Dom Quixote], no outro extremo da idade clássica, isto é, no momento do declínio. Não se trata mais do triunfo irônico da representação sobre a semelhança; trata-se da obscura violência repetida do desejo que vem vencer os limites da representação. *Justine* corresponderia à segunda parte de *Dom Quixote*...”. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*, p.290.

decorrer do século XIX e principalmente a partir do século XX, ela veio a se constituir como um produto de estímulo aos apetites sexuais. Salvo o caráter de críticas morais que a ela se relaciona, o seu conteúdo enunciativo tende a assumir uma relação íntima com a sociedade espetacular e mercadológica. De igual maneira, a compreensão do erotismo foi alterada numa continuidade com o movimento geral de transformação do regime discursivo.¹⁵

A partir da compreensão desse processo maior, buscaremos, num segundo esforço, perceber as possibilidades de sentidos primários nos textos de Sade, bem como as leituras e debates decorrentes desses textos. A atenção à autonomia da linguagem vista como fato social não exclui o papel ativo dos sujeitos e grupos lingüísticos no processo de composição e mudança de sentido dos enunciados e palavras. A história e a sociocrítica devem estar atentas a uma análise que se prenda à semântica, em virtude da necessidade de compreender o encadeamento das transformações da linguagem. Entretanto, tanto Meillet quanto Koselleck enfatizam a relação entre linguagem e sociedade. Para o historiador alemão, a história dos conceitos só é válida se associada à historiografia cultural e vice-versa, já que a sociedade e a linguagem não são autônomas entre si, mantendo interferências mútuas.¹⁶ Já Meillet diz que é importante atentar-se às práticas sociais (sendo a linguagem uma delas), mas que é quimérico pretender explicar todas as transformações de sentido pelo encadeamento das transformações, porque esse processo somente pode ser percebido se associado às transformações sócio-

¹⁵ Seria interessante uma análise mais detalhada sobre o uso crescente da palavra erotismo como substitutiva de outras, como *amor* ou a simples referência às divindades antigas, tal como aparece em Jacques Ferrand e La Fontaine em *De la maladie d'amour ou mélancholie érotique. Discours curieux qui enseigne à cognoître l'essence, les causes, les signes et les remedes de ce mal fantastique* (1623) e *Les amours de Psyché et Cupidon* (1669), respectivamente. Aqui apresentamos uma análise mais geral, mas um acompanhamento mais detalhado sobre a enunciação erótica pela busca genealógica da palavra erotismo seria extremamente útil para o avanço das pesquisas de definição dos regimes discursivos relacionados às práticas corporais.

¹⁶ Cf. KOSELLECK, R. Histoire sociale et histoire des concepts (p.101-119). In *L'expérience de l'Histoire*.

históricas.¹⁷ Evitamos, assim, qualquer tentativa de condicionar a escritura de Sade a uma mudança etimológica ou pela impessoalidade do discurso social, visto como abstração, para pensá-lo nas singularidades de sua interferência nos debates relativos ao corpo e às transformações sociais vivenciadas na França no fim do século XVIII e início do século XIX. Se a diacronia dos eventos históricos revelamos um processo de negociação de Sade com outros sujeitos que lhe foram contemporâneos, num enfrentamento das questões de seu tempo, a análise sincrônica permite-nos entender a multiplicidade de enunciados sobre Sade, iluminando, por vezes, aspectos obscurecidos de seus textos.

¹⁷ MEILLET, A. Comment le mots changent de sens. In *Linguistique historique et linguistique générale*, p.257 e 266.